

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS XII GUANAMBI-BA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

ROSELANE QUEIROZ DA MOTA

**A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE NOVILHA E BOM SERÁ:
POSSIBILIDADES DE FORTALECIMENTO DA LUTA CAMPONESA**

HOMINEMAUGERÉ

**GUANAMBI
2018**

ROSELANE QUEIROZ DA MOTA

**A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE NOVILHA E BOM SERÁ:
POSSIBILIDADES DE FORTALECIMENTO DA LUTA CAMPONESA**

Artigo apresentado ao curso de Pós-Graduação e Educação do Campo, da Universidade do Estado da Bahia - *Campus XII*, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação do Campo.

Orientadora: Prof.^a M.^a Vânia Marques Pinto

**GUANAMBI
2018**

ROSELANE QUEIROZ DA MOTA

**A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE NOVILHA E BOM SERÁ:
POSSIBILIDADES DE FORTALECIMENTO DA LUTA CAMPONESA**

Artigo resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Educação do Campo pela Universidade do Estado da Bahia - Campus XII Guanambi.

Orientadora: Prof.^a M.^a Vânia Marques Pinto

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a M.^a Vânia Marques Pinto - UFRB/FETAG
Orientadora

Prof.^a M^a Leijdane Fernandes Baleeiro – UFRB/FETAG
Examinadora

Prof.^a M^a Eugênia da Silva Pereira – UNEB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão vai primeiramente a Deus que tudo sabe, tudo pode e tudo permite, por sempre me acompanhar e me fortalecer todo o tempo dessa caminhada. A dona Helena, minha mãe camponesa, que desde cedo me ensinou a importância da educação e até hoje incentiva os filhos a continuarem estudando. A minha filhota Sofia que assistiu aulas em todos os módulos comigo, mesmo não sendo aquele ambiente adequado às suas necessidades lúdicas de criança. Ao meu esposo Jardel que mesmo sem saber o que é paciência, por vezes me compreendeu e me esperou quando precisou. A todos os colegas que com as suas diferenças contribuíram para essa formação. Aos professores maravilhosos que não mediram esforços para compartilhar conosco um pouco de seus saberes. Não poderia deixar de lembrar do trio parada dura – LIDY, DANY e PETA - que sempre deu leveza e alegria em todos os momentos do curso, principalmente aqueles mais tediosos. Agradeço a Vânia, minha orientadora, que mesmo a distância me ajudou a construir um percurso na escrita deste trabalho. Enfim, agradeço a todos que nesse ano de estudo me ouviram tantas vezes falar das dificuldades para concluí-lo apesar da maravilha e dos conhecimentos adquiridos no decorrer da produção. Agora me ouvirão dizer: venci mais uma etapa!

RESUMO

A Educação do Campo é abrangente e por isso na efetivação da sua proposta dialoga com a educação popular que extrapola os limites da escola, para está presente nos espaços sociais de vivência coletiva como associações comunitárias rurais, movimentos sociais, sindicatos, igrejas, grupos organizados, entre outros. Seus princípios e concepções podem estar presente em reuniões, festejos, mobilizações e ações formativas que são desenvolvidas junto aos camponeses e camponesas na realização do trabalho de base. O presente artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso da Pós Graduação em Educação do Campo e teve como objetivo analisar quais ações educativas realizadas pela Associação Comunitária de Novilha e Bom Será no município de Guanambi-Ba têm possibilitado a efetivação da Educação do Campo e a potencialização dos moradores destas localidades para a luta em defesa de direitos e daquele espaço de vida. Na coleta e tratamento dos dados utilizou-se de análise de documentos, entrevistas, observações e análise de conteúdo. Os resultados revelam que a associação tem buscado cumprir com a tarefa de educar a sua base, no entanto esses processos educativos ainda são poucos diante dos desafios enfrentados pelos povos do campo, sendo necessário uma ampliação e aprofundamento desse fazer educativo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação do Campo; Educação Popular; Trabalho de base.

ABSTRACT

Rural Education is comprehensive and, therefore, the implementation of its prompt dialogues with the popular education that breaks through the limits of school to be present in collective experience spaces such as rural community associations, social movements, unions, churches, organized groups, and others. Its principles and concepts may be present in meetings, celebrations, mobilizations and formative actions, which are developed alongside with peasants in carrying out the base work. The present article is the result of the course conclusion paper for Post-Graduation in Rural Education and has aimed to analyze which educational actions carried out by the Novilha and Bom Será Community Association in the county of Guanambi – BA have enabled the execution of Rural Education and the empowerment of these places' residents to fight and defend their rights and living place. In data gathering and processing, it was taken in account the analysis of documents, interviews, observations, and content. The results show that the association has aimed to accomplish the task of educating its base; however, there are still little of these educational processes before the challenges faced by rural people, it being necessary to expand and deepen these doings of education.

Keywords: Rural Education; Popular Education; Base Work.

LISTA DE SIGLAS

ASA	Articulação do Semiárido Brasileiro
CAR	Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional
CASA	Centro de Agroecologia no Semiárido
CESOL	Centro Público de Economia Solidária
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
CODEVASF	Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba
COOPESULBA	Cooperativa do Sul da Bahia
EBDA	Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola
FETAG	Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado da Bahia
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
TOPA	Todos Pela Alfabetização

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	11
2.1 Educação popular	14
2.2 Educação do Campo e educação popular	16
3 MOVIMENTOS SOCIAIS, SINDICAIS E AS ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS RURAIS: espaços educativos e de luta, início do trabalho de base	18
4 A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE NOVILHA E BOM SERÁ E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: em busca do trabalho de base	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6 REFERENCIAS:.....	35
7 APÊNDICE	39
Roteiro para entrevistas semiestruturada.....	39

1 INTRODUÇÃO

Este artigo discute sobre processos educativos no campo realizados através das associações comunitárias rurais por meio de práticas que favorecem o diálogo entre Educação do Campo e Educação popular. Deste modo, visa fortalecer a consciência da classe trabalhadora e a concepção de campo defendida pelos camponeses e camponesas.

Por entender a relevância dos processos educativos para os povos do campo, buscamos neste estudo analisar quais ações educativas realizadas pela Associação Comunitária de Novilha e Bom Será no município de Guanambi-Ba têm possibilitado a efetivação da Educação do Campo e a potencialização dos moradores destas localidades para a luta em defesa de direitos e daquele espaço de vida.

Este estudo é relevante porque ajuda a compreender o papel que a Educação do Campo, através de seus processos educativos não escolares, tem desenvolvido, sendo as associações comunitárias rurais um desses espaços onde ela se efetiva e instrumentaliza a luta camponesa. É um ponto de partida para realização do trabalho de base, ou seja, partir da luta cotidiana para estimular a luta maior que é a luta geral contra a opressão (PELOSO, 2012).

Atualmente no município de Guanambi-Ba, as associações comunitárias rurais configuram-se como importantes instituições de organização de coletivos presentes no campo, voltada para as especificidades desses sujeitos que ali vivem e que desenvolvem práticas educativas, pois com o processo abrupto de nucleação ocorrido neste município não existem mais escolas nestes espaços.

As inquietações surgiram a partir da minha vivência campesina, de uma trajetória em que os estudos se iniciam numa escola rural e depois segue para um distrito que por ser considerado urbano carregava todo o estigma da desvalorização do campo e da população que nele vive. Esse conceito de campo que até os dias atuais perpassa por alguns espaços, só foi desconstruído e ressignificado a partir do acesso ao ensino superior, principalmente no curso de especialização em Educação do Campo.

Reconhecer a importância da associação comunitária rural foi possível, pela minha participação desde a infância das práticas desenvolvidas neste espaço, mesmo que naquele momento ainda não o compreendia como um instrumento de luta para os sujeitos do campo. Deste modo, os resultados deste estudo visam contribuir com a associação, no sentido de identificar as práticas que fortalecem a instituição enquanto espaço educativo e de luta dos camponeses e camponesas, mas, também, aprimorar algumas práticas de efetivação da Educação do Campo.

O presente artigo é resultado de uma pesquisa que envolve sujeitos sociais, suas ações, impressões, suas culturas, suas especificidades e suas diversidades ao mesmo tempo. Por isso, recorreremos à pesquisa qualitativa para a investigação, pois ela “é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano” (CRESWELL, 2010, p.26). Os dados deste tipo de pesquisa tendem a ser coletados no local onde os sujeitos vivenciam determinadas situações e os pesquisadores fazem uma interpretação daquilo que observam, escutam, etc.

A investigação foi realizada na associação comunitária das fazendas Novilha e Bom Será situada no meio rural do distrito de Mutans, Guanambi-Ba. Este ambiente escolhido como campo de estudo e onde está situada a associação citada, é o meu local de origem. E, além disso, já tem muito tempo de existência enquanto organização de coletivo daquelas localidades.

A amostra para estudo foi escolhida com base nos seguintes parâmetros: dois sócios e/ou representante da direção da época da fundação, dois representantes da direção atual e quatro representantes dos sócios atuantes. Nessa escolha observou-se a presença de sujeitos de diferentes gerações e gêneros. Para garantir o anonimato desses sujeitos na identificação de falas, no decorrer do trabalho, serão nomeados com produtos da agricultura da região. São eles: melancia, mandioca, algodão, feijão, milho, sorgo, maxixe e abóbora.

Na coleta de dados, fizemos a análise de documentos como a ata de fundação, livros atas e estatutos. Fizemos uma leitura e interpretação desses documentos tentando estabelecer uma relação com as falas proferidas pelos sócios nas

entrevistas semiestruturadas. Estas entrevistas foram instrumentos de coleta do qual recorreremos, marcadas previamente e realizadas nas casas de cada sócio em particular. E para enriquecer esse trabalho foi realizada, também, a observação com anotações em algumas reuniões ordinárias da associação estudada. Essas atividades ocorreram entre os meses de fevereiro e julho de 2018.

A apreciação dos dados foi realizada mediante interpretação da análise de conteúdo tal qual propõe a pesquisa qualitativa. Essa interpretação apoiou-se nos resultados alcançados nos instrumentos de coleta, na teoria estudada e na experiência pessoal do investigador (TRIVINÕS, 2007). Assim trabalhamos na tentativa de compreender detalhadamente os significados e características apresentados pelos dados observados e coletados.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: no primeiro momento está a Introdução, que apresenta o caminho percorrido para o desenvolvimento da pesquisa desde a problemática, às questões de estudo e objetivos bem como a motivação pessoal da pesquisadora. No segundo momento, apresenta a concepção de Educação do Campo que defendemos neste trabalho; No terceiro discorre acerca dos movimentos sociais, sindicais e associações comunitárias, como estes são fundamentais para a concretização da Educação do Campo a partir do trabalho de base com o povo. No quarto momento realizamos a análise dos dados coletados, e, por fim as considerações finais que apresentam um resumo explicativo e crítico dos resultados alcançados a partir do objeto de estudo.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO

Conceituar educação não é simples, muito menos fácil, por sua abrangência. Segundo o artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/1996), esta compreende processos formativos que vão desde o convívio familiar, social, cultural, escolar e no trabalho, ou seja, a educação se faz presente em todos os espaços por quais transitam o ser humano.

Deste modo, a Educação do Campo também inserida nesse conceito amplo de educação, é abrangente porque envolve diversos espaços e formas de educar os diferentes sujeitos que fazem parte daquele espaço vital.

Tendo sua origem no processo de luta dos movimentos sociais para resistir à expropriação de terras, a Educação do Campo vincula-se à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo, isto é, que se contraponha ao modelo de desenvolvimento hegemônico que sempre privilegiou os interesses dos grandes proprietários de terra no Brasil, e também se vincula a um projeto maior de educação da classe trabalhadora, cujas bases se alicerçam na necessidade da construção de um outro projeto de sociedade e de Nação. Em função dessa intrínseca vinculação, a Educação do Campo compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas para manterem essa identidade como elementos essenciais de seu processo formativo (MOLINA; FREITAS, 2011, p.19).

Neste sentido, a Educação do Campo reúne diversas práticas que envolvem trabalho, cultura, movimentos sociais, convivências, entre outras, pois é no desenrolar desses processos diários que seus sujeitos são envolvidos em múltiplas aprendizagens. “Portanto, pensar a Educação do Campo significa evidenciar as práticas de sujeitos coletivos que educam e são educados cotidianamente num contexto complexo de relações econômicas, sociais e políticas” (SOUZA; BELTRAME, 2010, p.86).

A diversidade de práticas educativas que permeiam o espaço camponês tem relação com a heterogeneidade dos sujeitos que vivem naquele espaço de vida, este que também se apresenta bem diverso e multifacetado e que, por isso, tem garantido o surgimento e fortalecimento de vários movimentos sociais que lutam pela Educação do Campo.

Para setores identificados com o movimento da Educação do Campo, ela refere-se a uma multiplicidade de experiências educativas desenvolvidas por diferentes instituições, que colocaram como referência para suas propostas pedagógicas uma nova concepção de campo, de educação e do papel da escola. Assim, a identidade dos sujeitos sociais do campo em sua diversidade – que engloba os espaços da floresta, da pecuária, das minas, da agricultura, pescadores, caiçaras, ribeirinhos, quilombolas e extrativistas, conforme posto pela Resolução CNE/CEB nº 1/2002 – tornou-se um

fator primordial para a reivindicação de políticas educacionais e a elaboração das diversas práticas educativas. (MOLINA; FREITAS, 2011, p. 40).

A Educação do Campo, que nasce de um outro olhar sobre esse espaço social, desde o princípio é múltipla: de sujeitos, de práticas sociais e de práticas educativas. Uma única forma de educar não daria conta desta educação que ao mesmo tempo é específica e tão diversa. Específica porque visa a atender as particularidades de um povo que durante muito tempo foi excluído das agendas sociais e políticas por viverem em um espaço com características peculiares e que por isso demanda ações diferenciadas para o seu desenvolvimento. Diversa porque o campo é heterogêneo, composto de homens, mulheres, crianças, idosos, culturas distintas, formas de produzir variadas e situações econômicas que se divergem.

Ao falar em sujeitos do campo discorreremos sobre os vários povos que ali se mobilizam e produzem a vida. São eles os trabalhadores e as trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, quilombolas, indígenas, agricultores e agricultoras familiares, assalariados do campo vinculados à vida e ao trabalho no meio rural do campo. Afirma-se aí a especificidade do campo, reafirmando o quão específica, também, deva ser a educação e a escola inserida e pensada para este espaço (CALDART, 2012).

Por isso, pensar a Educação do Campo é refletir sobre processos educacionais que vão além dos muros da escola por conta da sua abrangência e do seu objetivo em pensar um projeto nacional de desenvolvimento que inclua efetivamente o campo. Ela envolve tanto as atividades escolares, e estas são de suma relevância para o camponês e a camponesa, como também se relaciona com a educação popular que se realiza dentro e fora da escola nas atividades cotidianas, associativas, por exemplo, no seio das comunidades locais. É, sobretudo, formação humana que possibilite a intervenção de seus sujeitos na realidade vivida para melhorá-la.

2.1 Educação popular

A Educação do Campo dialoga com a educação popular, uma vez que suas propostas e maneiras de pensar os sujeitos são similares, inspirados e influenciados por esta última. A educação popular emerge da luta da classe popular através dos movimentos sociais em favor de direitos, e se constitui e (re) afirma enquanto instrumento de luta e de conscientização desses sujeitos.

A educação popular, em sua origem, indica a necessidade de reconhecer o movimento do povo em busca de direitos como formador, e também de voltar a reconhecer que a vivência organizativa e de luta é formadora. Para a educação popular, o trabalho educativo, tanto na escola quanto nos espaços não formais, visa formar sujeitos que interfiram para transformar a realidade. Ela se constituiu, ao mesmo tempo, como uma ação cultural, um movimento de educação popular e uma teoria da educação (PALUDO, 2012, p. 284).

A educação popular trata a prática, as experiências, as reuniões e organizações coletivas, o trabalho e as lutas dos sujeitos sociais como ponto de partida da tarefa de educar. O sentido e a razão dessa educação é o fortalecimento do poder político-social, da conscientização e criticidade dos sujeitos através da reflexão, aprimoramento dos saberes que lhes são cotidianos de maneira que possam melhorar suas realidades.

Silva (apud BRANDÃO, p.130, 2002) define objetivamente a educação popular como “uma gama ampla de atividades educacionais cujo objetivo é estimular a participação política de grupos sociais subalternos na transformação das condições opressivas de sua existência social”. Ou seja, as práticas de educação popular visam à desconstrução da situação de dominação a que uma grande ‘maioria’ socialmente injustiçada está submetida, através do desenvolvimento crítico e reflexivo desses sujeitos de maneira que estes possam participar ativamente da sociedade.

A educação popular emerge do cotidiano cultural e por isso não se limita ao campo da educação escolar ou não escolar. Uma educação que não descuida da cultura popular em busca de acesso aos conhecimentos das ciências e

técnicas não populares. Parte do saber fazer, é práxis transformadora, teoria e prática (FREIRE; NOGUEIRA, 1993).

Assim, devemos pensar a educação popular num sentido bem amplo tal qual o conceito de educação, que “ultrapassa os limites do escolar, do formal e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem a autonomia tanto da criança quanto do adulto” (GADOTTI, 2012, 15). Essa educação que é construída no cotidiano através de uma práxis, que se desenvolve com a vida e que transcende, mas não se separa do espaço da escola, é a proposta de educação popular defendida por Paulo Freire pensando em educar numa perspectiva humana.

Por isso, a educação popular é essa proposta para além dos espaços escolares, sem, contudo, ser fora dele, em que os sujeitos, seus saberes, suas culturas, seus espaços sociais e de vida são também, e sempre foram, espaços de educar, de aprender, de conscientizar-se de seus direitos, e a realidade que o cerca para assim poder modificá-la. As associações comunitárias rurais são esses espaços que se vinculam diretamente com a vida, o cotidiano, a cultura de seus membros, mais que isso, ela emerge desse ambiente de sobrevivência de seus associados com a finalidade de organizar a luta para manter as condições vitais dali.

Estabelece-se, desse modo, o vínculo entre educação e política, educação e classe social, educação e conhecimento, educação e cultura, educação e ética, e entre educação e projeto de sociedade. A educação definitivamente deixa de ser prática neutra e ganha o significado de ato político (Freire, 1985), realizando a formação política e a conscientização para a ação e relacionando a formação com os processos de luta e de organização das classes populares. (PALUDO, 2012, p.282-3).

Destarte, na educação popular o protagonismo é dos sujeitos da ação educativa. Volta-se, principalmente, para o desenvolvimento e potencialização da consciência crítica das camadas populares. Bem lembramos com Paulo Freire (1970) que a educação tem o objetivo de libertar o oprimido quando deixa-lhe explícita essa sua condição, e isto é formação política, conscientização, e é também, início da mudança.

Corroboramos com Freire e Nogueira (p. 19, 1993) o entendimento da “educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares”, em que na medida em que os sujeitos aprendem a transformar suas dificuldades e necessidades em melhoria das condições de vida, eles participam mais e melhor da vida da sociedade e se conscientizam de si e da opressão a que estão submetidos. Buscam, a partir de então, as formas de sua libertação. Educação, conscientização, libertação e mudança social andam juntas (FREIRE; NOGUEIRA, 1993).

2.2 Educação do Campo e educação popular

Nos tópicos anteriores discorremos sobre educação popular e do campo. Faz-se necessário o diálogo entre esses segmentos para especificarmos em que medida se aproximam ou distanciam já que são conceitos diferentes.

A Educação do Campo, desde as origens, estabelece uma relação com a educação popular. Destaca-se primeiramente que os sujeitos da Educação do Campo fazem parte dos vários sujeitos da educação popular, notadamente aqueles que, na sociedade capitalista dividida em classes, foram marginalizados juntamente com suas culturas.

Num segundo ponto consideramos a abrangência que a Educação do Campo precisa dar conta. São diferentes espaços de vivências e de sujeitos. Diversificadas maneiras de pensar, sentir, trabalhar e de produzir a vida. Desta maneira, a educação escolar apenas, e como está posta, não favorece o desenvolvimento íntegro e humano desses sujeitos. Precisa de vários espaços para sua realização, partindo obrigatoriamente do cotidiano e das necessidades do trabalhador e da trabalhadora rural.

Com vistas a garantir a efetivação coerente de sua proposta, que é construída pelos sujeitos dela partícipes, a Educação do Campo busca também na educação popular práticas que a fortalecem e a complementam no sentido de

possibilitar o desenvolvimento crítico e consciente de seus sujeitos e alcançar as mudanças sociais almejadas.

Vê-se que a Educação do Campo incorpora vários princípios da educação popular, tais como: o lugar de origem nos movimentos e centros de ações populares, o movimento em busca de direitos e a vivência de luta nas organizações de coletivo; parte da prática cotidiana para problematizá-la e produzir o saber popular, protagonismo popular na luta e nas ações educativas. Visa a participação, igualdade, solidariedade, reconhecimento às diferenças, diálogo, formação política, pensamento crítico ou/e conscientização. Traz como objetivo final a transformação do atual estado das coisas, isto é, a concretização de outro projeto de sociedade.

Desta forma, assim como na educação popular, a Educação do Campo expressa uma “consciência de mudança”.

Na atualidade brasileira, a Educação do Campo pode ser identificada como uma das propostas educativas que resgata elementos importantes da concepção de educação popular e, ao mesmo tempo, os ressignifica, atualiza e avança nas formulações e práticas direcionadas a um público específico. Essa é uma importante experiência existente no Brasil, protagonizada pelos próprios sujeitos populares, apesar de alguns “transformismos”, realizados pelo próprio Estado e por outras instituições. Seus impulsionadores são os movimentos populares do campo. Merece destaque o protagonismo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). No atual momento histórico brasileiro, é esse movimento, sem dúvida, o que mais tem contribuído na discussão e efetivação de experiências de processos não formais, a chamada formação política, e de uma nova educação e uma nova escola, que resgatam os lineamentos centrais da educação popular. (PALUDO, 2012, p.283).

Entende-se, a partir daí, a amplitude do conceito de Educação do Campo: este engloba a educação institucionalizada, a educação que acontece nos espaços cotidianos da família, dos movimentos organizados pela igreja, movimentos sociais e sindicais, na cultura, enfim, se faz como uma educação popular, uma educação das classes trabalhadoras do campo, sendo esta, uma classe diversificada de acordo com os espaços e os sujeitos do campo. É um conceito com significado que tem o propósito da mudança, da transformação social, por isso investe na formação política e integral dos sujeitos, na formação humana.

Nesse sentido concordamos com Souza e Beltrame (2010, p.91) quando salienta que

a realidade social discutida no coletivo é vivida e pensada pelos sujeitos nele presentes. São as histórias de vida que se encontram na produção de conhecimentos no interior da luta social. A pesquisa que se produz em Educação do Campo é fruto da práxis, tal como definida por Vásquez. A prática é atividade, entretanto, a práxis é mais do que atividade, do que fazer. Ela, quando articulada a uma necessidade, torna-se práxis criadora, atividade vivida, pensada e transformadora.

Por isso a Educação do Campo busca a efetivação de sua proposta, também, na educação popular, pois tem seus sujeitos como protagonistas, emerge da organização e luta destes sujeitos através dos movimentos sociais, luta pela escola, por condição básica de viver, por direitos; busca refletir sobre estes caminhos para levar seus sujeitos à criticidade e, ainda, objetiva uma educação que seja integral e aspira um novo projeto de campo e de sociedade.

3 MOVIMENTOS SOCIAIS, SINDICAIS E AS ASSOCIAÇÕES COMUNITÁRIAS RURAIS: espaços educativos e de luta, início do trabalho de base

Os movimentos sociais configuram-se em uma das molas propulsoras mais importantes na constituição da Educação do Campo. Através destes é que foram construídos e alicerçados o conceito e a proposta de Educação do Campo tal como esta se apresenta hoje e são esses mesmos movimentos que sustentam o conceito e a Educação do Campo em si, ou seja, estão umbilicalmente ligados de maneira que se haver essa separação deixa de ser Educação do Campo (MARTINS 2013).

Segundo Gohn (2000), os movimentos sociais sempre existiram uma vez que estes são entendidos como uma das formas dos sujeitos se organizarem coletivamente na luta por direitos, através das diferentes vias de ações concretas sejam elas passeatas, aula pública, mobilizações, marchas, dentre outras, de acordo com a sociedade vigente. Ou seja, sujeitos oprimidos

socialmente se organizam e lutam ora como resistência à opressão ora como construção do novo para libertação da coletividade.

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (GOHN, 2000, p.13).

Assim, na sua emergência e continuidade, os movimentos sociais apresentam características como a organização coletiva, protagonismo dos sujeitos, interesses comuns, valores culturais e políticos, a solidariedade e ainda uma identidade coletiva destes. Movimentos sindicais e associações comunitárias rurais são exemplos de movimentos sociais com diferentes níveis de abrangências.

O Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) trata-se de um movimento de base, iniciado nas décadas de 50 e legalizado na década de 60, seus primeiros sindicatos foram organizados na década de 30, na Bahia na região sul do estado. Foi um movimento forjado no bojo de um processo intenso de lutas e mobilizações, pressionando pela regulamentação de contratos de arrendamento e parceria, por direitos trabalhistas e pela reforma agrária. Sua bandeira unificadora era, e é, a luta pela terra.

É uma estrutura sindical única de categorias múltiplas de trabalhadores, quais sejam os assalariados, pequenos proprietários, posseiros, parceiros etc. Nesse sentido, o sindicato dos trabalhadores e Trabalhadoras rurais deve ser um órgão viabilizador, mobilizador e reivindicador de ações coletivas da classe trabalhadora do campo (JUNIOR, 1998).

No que tange ao campo, trata-se de uma organização com surgimento posterior ao sindicato urbano devido às pressões e os conflitos ocorridos no meio rural, com a finalidade da proteção dos direitos inerentes às

especificidades do campo uma vez que os camponeses em sua subjetividade têm maneiras específicas de lidar com as questões de trabalho e da vida como um todo.

Resistência na terra contra ameaças de expulsão, busca de melhores salários e condições de trabalho, demanda por melhores preços para os produtos agrícolas, lutas por direitos previdenciários eram alguns dos temas recorrentes que emergiam, quer por causa das diferentes formas de inserção no processo produtivo e da diversidade de interesses, quer pelas diferenciações regionais próprias a um país do tamanho e complexidade do Brasil (MEDEIROS, 2012, p.707).

É um sindicato que está intimamente ligado aos movimentos sociais e a luta pelos povos do campo com um papel ativo em busca e defesa dos direitos desses sujeitos. É exatamente este sindicato que aqui nos interessa. Um sindicato que participa, promove a luta de maneira que os sujeitos do campo sejam protagonistas de suas conquistas.

Geralmente, esses sindicatos têm suas sedes situadas na cidade e por isso necessitam fazer a ponte com os trabalhadores, com a base, que se encontra no campo e isso é possível e facilitado através das associações comunitárias rurais.

Já as associações, de acordo com o Art. 53 do Código Civil Brasileiro (Lei 10.406, 2002), são constituídas “pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos”. Assim, as associações comunitárias rurais são organizações sociais constituídas pela união de um conjunto de sujeitos que residem em uma determinada localidade rural e/ou por localidades circunvizinhas, diretamente interligadas ao Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de sua região, com abrangência local e tem o objetivo, como no trabalho de base de que fala Peloso (2012), de responder aos objetivos imediatos do povo para na sequência partir e fortalecer uma luta maior, sempre ligada aos movimentos sindicais e sociais em nível local.

Percebe-se que as associações comunitárias rurais são instituições extremamente importantes para os movimentos sociais mais abrangentes (sociais e sindicais), uma vez que esta é a que está mais próxima das massas,

portanto, aquela que tem mais oportunidade e também possibilidade tanto para ajudar a resolver os problemas mais imediatos como de convocar e incentivar essas massas para integrar a luta maior, que é a luta dos movimentos sindicais e sociais, por mudanças nas estruturas da sociedade de classes e do sistema capitalista. Isto é realizar o trabalho de base.

Trabalho de base é a ação política transformadora de militantes da organização popular, em determinado território, que estimula desperta, organiza e acompanha o povo no enfrentamento de desafios cotidianos e liga essa luta a luta geral da opressão. (PELOSO, 2012, p. 67-68).

Sem esse trabalho com a base, que é o povo propriamente dito, os movimentos sociais perdem sua força de luta e de origem, pois sua sustentação e alicerce estão na população que trabalha. E sem os movimentos sociais a Educação do Campo deixa de existir. É preciso uma atividade que incentive e ajude o povo a tomar nas suas mãos a direção do seu destino. Esse é o sentido do trabalho de base (PELOSO, 2012).

Quando falamos que o trabalho de base deve ser desenvolvido pelas associações comunitárias rurais, entendemos como Peloso (2012) que o povo em movimento é a base. É a “[...] classe oprimida que sempre se dispõe e dar sustentação a um processo de mudança” (PELOSO, 2012, p. 69). E essa base, que significa começo, sustentação de toda e qualquer luta, é indispensável e não pode faltar aos movimentos para que a mudança aconteça. Está aí a importância da educação da base.

As associações comunitárias rurais, como instituições presente no campo para organização da base, “é uma ferramenta para juntar mais gente e aumentar a força do povo. [...]. a organização é um meio para reunir e preparar o povo para as conquistas” (PELOSO, 2012, p. 16). É o local com momentos propícios para repartir conhecimentos, trocar experiências, despertar para a realidade e os problemas cotidianos, buscar soluções concretas e solidárias para esses problemas, repartindo o poder e as responsabilidades. É realizar a Educação do Campo efetivamente.

Como movimento e organização de coletivos do campo, as associações são, também, movimentos educativos do campo com proposta de educação popular. Os povos do campo lutam pela educação naquele espaço acreditando, em tese, que ela é instrumentalização para continuar a luta que não é apenas por terra e comida (questões de subsistência), mas por mudanças nas estruturas da sociedade desumana e injusta em vigência. Entendem a educação como arma de duplo alcance e como prioridade do movimento (MOLINA; FREITAS, 2011).

Na Educação do Campo a luta é formadora. Os movimentos sociais trazem dentro de si essa característica de formação na luta. Os sujeitos coletivos que dele participam, aquele sujeito oprimido de que fala Paulo Freire, em busca de sua subsistência imediata através da luta, aprende com/na luta, se transforma e de repente se liberta. É esse o movimento de aprendizado. Aprendizados diversos, saberes apreendidos e também produzidos.

É importante destacar como o aprendizado dos direitos vem das lutas por essa base material. Por sua humanização. Os movimentos sociais têm sido educativos não tanto através da propagação de discursos e lições conscientizadoras, mas pelas formas como tem agregado e mobilizado em torno das lutas pela sobrevivência, pela terra ou pela inserção na cidade. Revelam à teoria e ao fazer pedagógicos a centralidade que tem as lutas pela humanização das condições de vida nos processos de formação. Nos relembram quão determinantes são, no constituir-nos seres humanos, as condições de sobrevivência. A luta pela vida educa por ser o direito mais radical da condição humana. Os movimentos sociais articulam coletivos nas lutas pelas condições de produção da existência popular mais básica. Aí se descobrem e se aprendem como sujeitos de direitos. (ARROYO, 2003, 33)

Percebe-se que a dimensão educativa presente nas lutas dos movimentos sociais como algo imprescindível à Educação do Campo na medida em que é uma concepção de educação mais alargada, muitas vezes orientada por princípios da educação popular, que perpassa desde os processos escolares aos não escolares, e envolve-se com os sujeitos sociais, culturais, educativos inseridos nela (ARROYO, 2003). É na organização dos movimentos sociais que o ser humano se descobre como sujeito de direitos.

Essa educação se faz importante na medida em que a entendemos como formadora ou conformadora da realidade dada, dependendo do tipo de sociedade ela serve à educação hegemônica a serviço do capital, portanto das passividades dos indivíduos frente a situação de opressão a que estão submetidos; ou à educação contra hegemônica que liberta da dominação, constrói a autonomia dos sujeitos coletivos para compreender seu valor histórico, sua classe social, seus direitos e potencialidades. Esse é o ideal emancipatório e humano da educação dos movimentos sociais que visa à transformação dessa sociedade capitalista (FREITAS; MOLINA, 2011).

Como exemplos de movimentos sociais, nos movimentos sindicais e nas associações comunitárias rurais, as práticas educativas ocorrem em situações diversas desenvolvidas no seio dessas organizações. Pinto e Velloso (2012, p. 4) nos explica que dentro do movimento sindical essas atividades educativas são intrínsecas, e “não há como dicotomizar o fazer educativo das ações sindicais, pois o ato educativo encontra-se presente nas práticas cotidianas sejam elas nas ações de massa ou no devir das ações cotidianas”. Por isso, dentro desses movimentos, a educação acontece em processos diversos que vão desde a participação das crianças, das mulheres, da juventude, dos idosos, construindo novas relações e consciências, até a participação nas marchas, assembleias, cursos, caminhadas, trabalhos voluntários, gestos de solidariedade, ocupações, mobilizações, reuniões para discutir a realidade e os problemas locais, festejos, comemorações, etc.

A educação dos movimentos é uma das principais formas de instrumentalizar o povo para a luta. Através dela, nas organizações populares, como é o caso das associações comunitárias rurais, tem-se a possibilidade de alargamento da consciência dos trabalhadores, de fortalecimento da coletividade e, portanto, da luta dos sujeitos do campo, e a atualização e mobilização constante frente à conjuntura social que se apresenta bem como o aprendizado dos direitos a eles pertinentes.

Molina e Freitas (2011, p.25) nos lembra que “qualquer prática educativa se baseia numa concepção de ser humano, numa visão de mundo e num modo de pensar os processos de humanização e formação do ser humano”. É por isso

que a Educação do Campo desenvolvida no seio dos movimentos sociais, sindicais e associações comunitárias rurais deva ser essa educação popular que se volta para a libertação dos sujeitos que são oprimidos socialmente pelo sistema capitalista vigente bem como de maneira a instrumentalizá-los para a luta já que essa libertação não acontecerá passivamente.

É imperioso reforçar que o povo é a base da luta e a organização das associações comunitárias rurais é a que está mais próximo e em diálogo constante com essa base, de modo que, um bom trabalho de Educação do campo deve tê-la como ponto de partida e assim juntar a luta específica e concreta do povo com a luta maior dos movimentos sociais por um outro projeto de sociedade.

4 A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE NOVILHA E BOM SERÁ E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: em busca do trabalho de base

As associações comunitárias rurais são organizações presentes no campo que trazem consigo alguns dos sujeitos que convivem naquele espaço, os quais, trabalhadores assalariados diversos e camponeses, e é ela um desses espaços privilegiados onde a Educação do Campo deva se efetivar por ser uma das formas de organização desses sujeitos.

A associação comunitária, local desse estudo, é denominada em seu estatuto social de Associação Comunitária de Novilha e Bom Será e tem a sua sede instalada na comunidade rural denominada de Fazenda Novilha, distrito de Mutans, Guanambi, Bahia. Esta associação, segundo o estatuto, iniciou suas atividades na sua fundação em 23 de outubro de 1993, é constituída por associados moradores das fazendas rurais Novilha, Bom Será e Berimbau. Tais comunidades rurais são circunvizinhas e seus associados quase sempre se unem, também, por grau de parentescos, tal qual como proposto no estatuto social (inciso III do Art. 49º, capítulo VIII) quando coloca a residência ou vínculo direto na comunidade e adjacências como um dos requisitos para a livre adesão a associação.

A sede da associação trata-se de um galpão comunitário, ao lado de uma casa de farinha que, além de servir de salão para as reuniões ordinárias, serve para o depósito de bens e produtos tanto da referida associação quanto de seus sócios, dependendo da necessidade e da devida autorização da assembleia geral como prevê o estatuto, capítulo V. (estatuto, ano).

A organização de coletivos em associações comunitárias são espaços importantes para a constituição de práticas educativas solidárias com caráter emancipatório pautadas na Educação do Campo e entendendo que essas instituições devem ser instrumentos educativos, de luta social e emancipação dos sujeitos.

A luta e a organização popular, para romper a prática da classe dominante, articula-se, desde a base, para estar presente, todos os dias, lá onde acontece a luta pela vida. Esse trabalho exige vontade política, dedicação, tempo, pessoas e recursos. Se a elite manda, é porque o povo aprendeu a ficar calado e a obedecer ao chefe de plantão. O trabalho de base é, então, essa convicção profunda que se dispõe a superar a cultura autoritária e o personalismo, e contribuir para que o povo seja protagonista e tome a direção da barca (PELOSO, 2012, p.17).

Essas organizações associativas devem ser espaços de transformação das relações sociais oriundas do capitalismo e constituem-se em lócus de resistência dos processos de exclusão dos sujeitos e da cultura camponesa (SOUZA; BELTRAME, 2010). Esse é um dos princípios fundamentais do Associativismo, contrapor-se a sociedade capitalista através da união de pessoas em torno de um bem comum e da realização de um trabalho cooperativo e solidário visando uma melhor convivência e participação social. Como consequência, temos um campo fortalecido política e socioeconomicamente para o enfrentamento das adversidades do cotidiano atual e a construção de uma sociedade mais digna (LEONELLO, 2010).

Como um dos lócus possibilitadores da efetivação da Educação do Campo, a Associação Comunitária de Novilha e Bom Será tem alguns exemplos de ações educativas realizadas ao longo de sua história. Algumas delas são referendadas pelos sócios pelo impacto que causou em sua própria organização, como os estudos do estatuto da associação durante as reuniões

ordinárias. Para os sócios, foi uma atividade relevante, pois possibilitou conhecer a finalidade de uma associação, bem como suas regras, direitos e deveres dentro da instituição e que é uma forma de instrumentalização dos sujeitos.

O estudo do estatuto já foi feito várias vezes. Sempre que precisa a gente retoma alguma parte. É bom porque aí o pessoal da pra entender que aquilo que a gente fala na associação não é em vão, que tem um documento que rege aquilo que tamo¹ falando, que é o estatuto. Por que tem que falar e cumprir a norma que é o estatuto. (Informação Verbal – Melancia

Conheço o estatuto, mas não sei ler, e já foi feito um estudo dele. Acho importante conhecer ele. (Informação Verbal – Algodão).

A formação dos sócios sempre esteve presente na vida associativa da comunidade. Várias ações educativas como cursos, palestras, reuniões, em sua maioria em parceria com outras instituições, vem acontecendo. Um exemplo são os cursos oferecidos pelo Centro de Agroecologia no Semiárido-CASA, que é uma Unidade Gestora Microrregional da Articulação no Semiárido Brasileiro - ASA em nossa região, para a implantação de tecnologias sociais para melhorar a convivência no semiárido, e que tem como fundamentação a Educação do Campo.

Estes cursos do CASA oferecem cartilhas, discussões presenciais, além de intercâmbio com comunidades que já receberam as tecnologias sociais, de maneira que pretendem ensinar o camponês a viver e conviver com as condições do semiárido, e a valorizar a vida no campo.

Outro Projeto importante que teve atuação na comunidade por meio da associação em parceria com o sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais foi o Educar no Campo. Esse projeto de alfabetização baseado na concepção da educação popular e na Pedagogia de Paulo Freire foi executado na microrregião de Guanambi-BA pela Federação dos Trabalhadores na

¹¹ No decorrer deste estudo as falas foram transcritas respeitando os diferentes modos de falar dos sujeitos

Agricultura no Estado da Bahia – FETAG-BA, fazia parte do Programa Brasil Alfabetizado do Governo Federal que, posteriormente, por deixar de conveniar com movimentos sociais e sindicais tornou-se responsabilidade do Estado e passou a se chamar Todos Pela Alfabetização – TOPA. Ambas ocorreram na comunidade e com educadores pertencentes à localidade cujas formações eram realizadas pela FETAG e pelo sindicato.

Essas experiências educativas em si, chegaram até a comunidade através do sindicato de trabalhadores e trabalhadoras rurais mostrando o elo das associações com esta instituição maior. Evidencia-se a necessidade de articulação entre os diversos movimentos sociais para realização do trabalho de base, já que o objetivo amplo é o fim da exploração da sociedade capitalista (PELOSO, 2012).

Trechos do livro ata confirmam a parceria sindicato/associação:

A presidente iniciou falando da importância de estar juntos naquele momento para discutir de assuntos do interesse de todos em seguida apresentou e convidou os representantes do sindicato dos trabalhadores rurais de Guanambi para conversar com os presentes (...) representantes do sindicato dos trabalhadores rurais de Guanambi fez ampla exploração sobre associações rurais, suas organizações e objetivos. (Trecho da Ata da Associação Comunitária de Novilha e Bom Será).

(...) presença do sindicato palestrando, Josemira da comissão de mulher falou sobre o dia internacional da mulher: a origem, as lutas sindicais desde 1988 para conquistar os direitos das mulheres. A importância da documentação da mulher rural para aposentadoria, salário maternidade ou auxílio doença. Falou sobre saúde da mulher. (Trecho da Ata da Associação Comunitária de Novilha e Bom Será).

A abertura de uma reunião da qual presenciei, também, ratifica essa presença parceira e assessora do Sindicato dos trabalhadores Rurais de Guanambi na associação: *“Bom dia companheiros e companheiras, imitando as falas do sindicato, porque é assim que eles faz a abertura das reuniões lá no sindicato”².*

² Fala proferida pela presidente da associação comunitária de Novilha e Bom Será durante a abertura da reunião ordinária do dia 01/07/2018.

Outros cursos diversos com caráter mais lúdicos e artísticos também foram realizados, como pintura, culinária, corte e costura, lingerie. Estes chegaram à associação por meio da secretaria de assistência social do município, na maioria das vezes através da união de sócios de algumas associações circunvizinhas, que tiveram como objetivo: a melhoria da renda das famílias, sobretudo das mulheres.

Percebe-se ao analisar as organizações comunitárias rurais em suas atividades, que a educação dos povos do campo é construída através de atividades e iniciativas diversas, com um objetivo único de promover o desenvolvimento e as potencialidades dos sujeitos que vivem naquele espaço. Portanto, deve ser pensada cotidianamente a partir da própria vida desses povos bem como organizada através de muitas lutas por eles mesmos e por outros atores sociais que buscam dar visibilidade a estas iniciativas através de pesquisas, debates e grupos de discussão que contribuam com o fortalecimento da identidade coletiva e da consciência de classe do camponês e da camponesa.

As associações comunitárias rurais podem ser assim, espaços que também contribuem com a efetivação da Educação do Campo, principalmente através de práticas educativas pautadas nos princípios da educação popular. As reuniões para dialogarem sobre a necessidade de organização coletiva, a tomada de decisão coletiva sobre a fundação da instituição, a construção do estatuto, etc. são exemplos dessas práticas educativas.

Entendemos que a educação popular

[...] se realiza em todas as situações onde, a partir da reflexão sobre a prática de movimentos sociais e movimentos populares (as "escolas" onde tem sentido uma educação popular "ensinar"), as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações, aprendem e se instrumentalizam. (BRANDÃO, 1986, p.50)

Um diálogo travado durante minhas observações é um exemplo de como a troca de experiências e informações podem contribuir na superação da alienação e desenvolvimento da consciência dos sujeitos.

- Paula , tá de quanto a dúzia de ovo?
- Parece que é 6 reais, Fia tá vendendo desse preço.
- Agora é caro uma dúzia de ovo por esse preço né?
- Não é não, é um bom preço para nois, porque as coisas nossa aqui da roça é sempre desvalorizado. Ou melhor nem é nois que põe o preço, ficamos perguntando pro comprador cê da quanto? Ai quando chegamos no mercado pra compra já tá tudo lá com o preço.
- É verdade.
- É por isso que nois temos que ser unidos, por que ai podia ser nois quem falava o preço da coisas nossa³.

Neste aspecto, comungamos das discussões de Peloso (2012) ao dizer que

quem não entende a raiz da injustiça se torna alienado. O processo de tomada de consciência quebra toda forma de alienação e permite a descoberta do real. A superação da alienação é básica na estratégia para construir o novo, o futuro, a vida. Participação em processos de luta, a reflexão, o estudo, as leituras são caminhos para alimentar a fidelidade a causa popular na busca das transformações (PELOSO, 2012, p. 85).

Na associação comunitária de Novilha e Bom Será é possível destacar algumas práticas onde presenciamos alguns princípios da educação popular que contribuem para efetivação da Educação do Campo popular. A primeira e, talvez uma das mais importantes atividades por conta da periodicidade com que acontece, é a reunião ordinária mensal da associação. Nesses encontros há um processo de troca de conhecimentos e experiências que têm como base: os princípios do diálogo, reflexão, questionamentos, todos favorecedores do pensamento e conscientização dos sujeitos sobre si e o lugar que o cerca.

Podemos considerar também os princípios de protagonismo de luta, de movimento, de participação e solidariedade, pois nesse espaço os sujeitos se organizam, se informam, tem direito a participação ativa e vão para a luta propriamente dita. É válido destacar que o direito de participar ativamente nem sempre é exercido pelos sócios como fica evidente nesses trechos transcritos do livro Ata e na fala de um dos entrevistados.

³ Trecho do diálogo travado entre duas sócias na reunião ordinária da associação de Novilha e Bom Será no dia 03/06/2018 antes da abertura da sessão.

A presidente falou que tem se sentido sozinha na direção, ela tem sido secretária, tesoureira e além disso tem tido pouca participação nas reuniões. (Trecho da Ata da Associação Comunitária de Novilha e Bom Será).

A secretária falou da pouca participação e das críticas sem conhecer o que se passa na associação. (Trecho da Ata da Associação Comunitária de Novilha e Bom Será).

Foi perguntado aos sócios a opinião sobre a realidade da associação e abriu se a fala. Ninguém falou nada. (Trecho da Ata da Associação Comunitária de Novilha e Bom Será).

A minha participação é só sentar lá, falo só quando precisar. (informação verbal - Maxixe)

Essa participação passiva acontece porque muitos desses sujeitos veem a associação como forma de receber alguns benefícios apenas. Essas são marcas oriundas do capitalismo em que apesar de frequentar uma instituição coletiva o objetivo é individual em busca de medidas assistenciais. Além disso, a forma como as atividades vêm sendo desenvolvidas no seio daquela organização pode ser responsável por essa desmotivação.

O povo tem que ter mais união, e esforçar mais um pouco porque a maior parte do povo não tem esforço, só quer saber de achar as coisas mastigado e as vezes é individual e tem que ser mais coletivo (informação verbal – Abóbora).

A associação deveria desenvolver mais atividades além das de costume. Eu acho que seria bom pra nos, pra poder crescer né, porque se ficar só naquilo ali nunca vai adiante, fica parada a associação, sem estímulo pra participar. (informação verbal - Mandioca).

Outra prática pautada no princípio da educação popular, realizada através da ligação com o sindicato de trabalhadores e trabalhadoras rurais são os convites a esses sujeitos para somar forças em passeatas, marchas interestaduais entre outros, como exemplo a participação da referida associação num movimento de mobilização contra a reforma da previdência em vigor e que teve boa participação dos sócios conforme relato em ata.

A presidente agradeceu aos presentes pela participação na passeata da reforma da previdência ocorrida em Guanambi semana passada e falou da importância dessa participação para somar esforços na garantia e manutenção dos direitos do povo do campo. (Trecho da Ata da Associação Comunitária de Novilha e Bom Será).

Reconhece-se através desse ato a importância da participao, também um princípio da educao popular que deve ser efetivado pela Educao do Campo, como elemento fortalecedor da luta em prol do bem de todos. Além disso, participar dessas mobilizaes tem como objetivo mudanças mais amplas na sociedade, outro princípio a destacar.

Outras atividades ainda podem ser destacadas considerando os princípios da Educao do Campo como mutirões dentro da comunidade e em comunidades circunvizinhas e as chamadas barracas da futrica colaborativas em prol de algum sócio que esteja passando por muita dificuldade ou da própria organizao, evidenciando a solidariedade e relaes de ajuda mútua. Nessas atividades vemos a presença da solidariedade e da satisfao das necessidades básicas da existência defendida por Arroyo (2003). Além disso, são realizadas palestras sobre direitos dos trabalhadores rurais, a importância das associaes comunitárias e dos STTRs, conferências sobre saúde, etc. como demonstram alguns fragmentos do livro Ata.

Foi discutido sobre as necessidades dos sócios e decidiu pela realizao de uma barraquinha da futrica para ajudar nas despesas atual da associao com a casa de farinha e o jipe. (Trecho da Ata da Associao Comunitária de Novilha e Bom Será).

Os representantes do CESOL passou um vídeo, explicou o que era e o dever dessa instituio. Incentivar a comunidade o trabalho grupal. (Trecho da Ata da Associao Comunitária de Novilha e Bom Será).

Desta forma, entende-se que muitas das atividades desenvolvidas no seio da Associao Comunitária de Novilha e Bom Será, por serem norteadas pelos princípios da educao popular efetivados através da Educao do Campo, emergem do cotidiano, do dia a dia dos sujeitos envolvidos e se transformam

em objeto de reflexão visando mudanças e o desenvolvimento social dos povos como deve ser num trabalho de base.

“a finalidade do trabalho de base é despertar a dignidade das pessoas e a confiança nos seus valores e potenciais. É também organizar a rebeldia popular contra a injustiça para construir a nova ordem social sem exploração, sem discriminações e preconceitos” (PELOSO, 2012, p.75).

Em busca de novas relações de produção, de um país com mais justiça, igualdade social e dignidade para todos, precisamos preocupar-nos com a formação do sujeito que empreenderá a luta para essa transformação (CALDART, 2008). Isso será possível quando o ponto de partida for o trabalho com a base. A sociedade solidária começa em casa, na comunidade.

A associação de Novilha e Bom Será vem desenvolvendo atividades diversas que são consideradas educativas dos seus sócios, portanto da sua base: são reuniões mensais e extraordinárias, palestras com técnicos de diversos órgãos como o sindicato, CESOL, COOPESUBA, CAR, EBDA, CODEVASF, CONAB, CASA (ASA), estudo do estatuto da associação, palestras com secretaria de ação social do município, conferências de saúde, palestras com secretaria de agricultura do município, dias de campo, encontro de idosos, encontro de jovens, seminário de agricultura, reuniões com a união de diversas associações circunvizinhas, mutirões, cursos técnicos e outros para a diretoria, participação em fóruns e comissões internas da associação, atividades culturais, entre outras atividades que foram destacadas no livro Ata da associação e confirmadas nas falas dos entrevistados como ações que possibilitam aprender e se desenvolver no seio da associação.

Porque tem muita coisa que a gente não sabe e através da associação a gente consegue aprender né. Através das falas que a gente tem na associação aprende muitas coisas. (informação verbal – Sorgo).

A atividade do corte e costura. A reunião por si só é uma forma de educação. (informação verbal – Mandioca)

Já foi feito dias de campo, os técnicos veio fazer a análise do solo é uma forma de educar como trabalhar para produzir mais. (informação verbal – Melancia).

Vê-se a associação em movimento educativo de sua base com apoios diversos. Esse é o sentido dos movimentos sociais: mover-se, de não estar estático, parado diante das situações e conflitos que a realidade lhes apresenta. Por isso são movimentos de luta, de ação, em favor de mudanças sociais mais amplas para melhoria da vida dos sujeitos protagonistas que dele fazem parte e da sociedade em geral.

Os sócios entrevistados entendem a importância da educação e da luta para melhoria da vida dos povos do campo e afirmam que deve ser uma luta de todos. No entanto, também enfatizam que tem faltado participação e união dos sócios da referida associação para o bem comum e que muitos participam para atender a interesses particulares, o que vem enfraquecendo o movimento de luta coletiva que deve sempre existir e mover a associação como um todo. Isso pode ser confirmado, também, no livro Ata em que as assinaturas de presenças de sócios nas reuniões são muito poucas.

O papel da associação é incentivar a luta. Pra mim tem muita importância a participação porque além de tá trazendo eu aprendo muito com essas reuniões. Não é só importante pra mim, para todos os sócios. (informação verbal - Milho)

No entanto, não podemos perder de vista que a educação almejada, pensada pelos movimentos sociais transcende os muros da escola, deve-se entender que a Educação do Campo se faz com o povo em luta dentro do próprio movimento. Daí a importância de garantir a luta participativa e permanente bem como o seu fortalecimento constante.

Entendemos que a Associação Comunitária de Novilha e Bom Será, timidamente, tem cumprido com a tarefa de educar os sujeitos do campo no seu local de origem e de acordo com vários princípios da Educação do Campo, na medida em que essas práticas educativas ainda são insuficientes para o fortalecimento da luta por direitos e do ideal de coletividade como é a proposta

de Educação do Campo. Nesta caminhada ainda não cumpriu com o princípio que é a formação na luta, pois Educação do Campo se faz na luta; é na luta e no movimento que a Educação do Campo se realiza, se materializa, cabendo a ela a tarefa de ampliar o trabalho de base e aprofundar ações formativas que instrumentalize a comunidade para as lutas locais, regionais e nacionais.

A associação comunitária de Novilha e Bom Será tem sido um espaço educativo, favorecedor, incentivador da luta camponesa que tem se esbarado no entrave da falta de participação de seus associados. Contudo, a associação não deixa de ser esse ponto de partida para uma efetiva Educação do Campo em movimento e luta. Faz-se necessário conhecer a gênese dessa falta de participação, motivação e encontrar uma alternativa para fazer o chamamento destes sujeitos de maneira que a associação, através da educação que ela tem possibilitado, continue sendo um instrumento de luta dos moradores daquela comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que a Educação do Campo está presente nos movimentos sociais e sindicais do campo, nas lutas dos camponeses e camponesas, possibilitando a conscientização dos sujeitos que em suas trajetórias constroem transformações pessoais e sociais. Sua concepção de campo rompe com o silenciamento das populações camponesas e questiona o avanço do capitalismo do campo que expropria culturas, saberes e as pessoas.

Em busca das transformações, entende-se que a educação é a arma fundamental para operacionalização da mudança. O capitalismo tem assolado muito rapidamente e o campo não tem ficado fora disso sendo que suas mazelas se fazem, principalmente, nas camadas populares. Daí a necessidade de romper com essas práticas dominantes articulando e organizando a luta desde a base.

E o povo é essa base em movimento de luta constante que deve mudar tal situação, pois é essa conjuntura que nos faz pensar, lutar e procurar desenvolver uma Educação do Campo, sobretudo porque que esta vincula-se

com um novo projeto de sociedade. Nesta tarefa não devemos perder a relação com a luta dos movimentos sociais do campo, temos sim que unir as forças da base para fortalecer esses movimentos, do contrário a Educação do Campo deixa de existir.

Evidencia-se aqui a importância da participação popular nos movimentos sociais de base como as associações comunitárias rurais, para assim, opinarem sobre as escolhas, demonstrarem seu ponto de vista, trocar informações, dialogar e nesse processo se instrumentalizarem na luta pelo bem comum.

Entende-se que a Associação comunitária de Novilha e Bom Será tem que retomar o trabalho de base que é: recuperar, resgatar e acreditar de novo no sonho da liberdade, na qual os interessados se envolvem na construção de uma vida melhor para si e para todos” (PELOSO, 2012, p. 15). Vê-se necessário o despertar das pessoas para juntas seguir na luta. Mas para isso é preciso, também, buscar compreender o porquê da não participação desses sujeitos, assim poder agir de maneira a fazer o chamamento destes a engajar nessa luta que é de todos.

Destarte, compreendemos que o objetivo deste estudo foi alcançado na medida em que conseguimos identificar práticas/ações educativas no seio da Associação Comunitária de Novilha e Bom Será que atendem aos princípios da Educação do Campo bem como o engajamento dos seus associados, ainda que timidamente, na luta por direitos e pela melhoria da qualidade de vida do meio rural. Entretanto, esse trabalho de pesquisa não se esgota aqui, é preciso buscar novos olhares, outros contextos, e talvez outras explicações.

6 REFERENCIAS:

ARROYO, Miguel G. Pedagogias em movimento: o que Temos a aprender dos Movimentos Sociais? **Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.

ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DE NOVILHA E BOM SERÁ. **Estatuto da Associação Comunitária de Novilha e Bom Será**. Guanambi, BA: 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1986 – Coleção primeiros passos.

BRASIL. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei n. 10.406, Código Civil**. Diário Oficial da União, 11 jan. 2002.

CALDART, Roseli Salette. Educação do campo. In: CALDART, Roseli Salette; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTTO, Gaudêncio. (Org.) **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALDART, Roseli Salette. A escola do campo em movimento. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salette; MOLINA, Mônica Castagna (orgs). **Por uma educação do campo**. 3. Ed. Petrópolis, RJ, vozes, 2008.

CRESWELL, John W. **projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e pratica em educação popular**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012 p. 10-32.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ongs e terceiro setor . **Rev. Mediações**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11-40, jan./jun. 2000.

JÚNIOR, Antonio Thomaz. O sindicalismo rural no Brasil, no rastro dos antecedentes. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Nº15. Universidad de Barcelona, 15 de janeiro de 1998. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-15.htm>. Acesso em 29/07/18

LEONELLO, João Carlos. **O associativismo como alternativa de desenvolvimento na dinâmica da economia solidária**. 2010. 145 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2010.

MARTINS, Fernando José. Elementos fundamentais da educação do campo. **Educere Et Educare: Revista de Educação**. Vol. 8 nº 15 Jan/jun 2013. p. 179-198.

MEDEIROS, Leonilde Servolo. Sindicalismo Rural. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTTO, Gaudêncio. (Org.) **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MOLINA, Mônica Castagna. FREITAS, Helana Célia de Abreu (Orgs.). Educação do Campo. In: **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 85, p. 1-177, abr. 2011.

PALUDO, Conceição. Educação popular. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTTO, Gaudêncio. (Org.) **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PELOSO, Ranulfo (org). **trabalho de base**: seleção de roteiros organizados pelo Cepis. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PINTO, Vânia Marques; VELLOSO, Tatiana Ribeiro. Educação e formação no movimento sindical: as práticas formativas da CONTAG e a escola de formação sindical. **Entrelaçando** · Nº 7 · V. 2 · Ano III (2012) · p. 87-100 · Set.-Dez · ISSN 2179.8443.

SOUZA, Maria Antônia de. BELTRAME, Sonia Aparecida Branco. Educação do campo, Movimentos sociais e Políticas públicas. In: MOLINA, Mônica Castagna (org.). **Educação do Campo e Pesquisa II**: questões para reflexão. Brasília: MDA/MEC, 2010.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução á pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2007.

7 APÊNDICE

Roteiro para entrevistas semiestruturada.

- O que é uma associação comunitária rural pra você?
- O que você entende que seja o papel dessas associações comunitárias rurais?
- A associação da qual você participa tem cumprido com esse papel?
- Que outras atividades além dessa que você nos informou acredita que a associação poderia desenvolver?
- O que você entende por atividades educativas?
- Você entende que a associação desempenha a atividade de educar?
- Quais exemplos dessas atividades que a associação comunitária desempenha que você entende como ações educativas?
- A associação e essas atividades incentiva a luta por melhorias no campo?
- Como seria essa luta? Individual? Coletiva? Como incentiva essa luta? Através de que ações?
- Quais melhorias já chegaram nessa localidade através dessa luta?
- Você se sente motivado a participar dessa luta ou não acha que seja isso um dos papéis/tarefa da associação?